



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

JOSÉ MATEUS DO AMARAL GAMA

A IMPORTÂNCIA DA PARAÍBA NA “REVOLUÇÃO DE 1930”

GUARABIRA

2020

JOSÉ MATEUS DO AMARAL GAMA

A IMPORTÂNCIA DA PARAÍBA NA “REVOLUÇÃO DE 1930”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Sinuê Neckel Miguel

GUARABIRA

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G185i Gama, José Mateus do Amaral.
A importância da Paraíba na "Revolução de 1930"
[manuscrito] / Jose Mateus do Amaral Gama. - 2020.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Sinuê Neckel Miguel ,
Departamento de História - CH."
1. Revolução de . 2. João Pessoa. 3. Paraíba. I. Título
21. ed. CDD 981.33

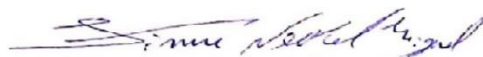
JOSÉ MATEUS DO AMARAL GAMA

A IMPORTÂNCIA DA PARAÍBA NA “REVOLUÇÃO DE 1930”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em História.

Aprovada em: 30 / 11 / 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sinuê Neckel Miguel (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, aos
meus amados pais,
Professor Joseli e Professora Luciana e
à minha namorada Franciele Almeida,
que são os maiores incentivadores
das minhas conquistas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	CORRIDA ELEITORAL: “GOVERNISTAS X ALIANCISTAS”.....	7
2.1	NÃO FOI NO VOTO, SERIA NAS ARMAS	8
3	JOÃO PESSOA... HERÓI, MÁRTIR E MITO.....	9
4	A IMPORTÂNCIA PARAIBANA NA “REVOLUÇÃO DE 1930”.....	14
5	CONCLUSÃO	16
	REFERÊNCIAS	18
	AGRADECIMENTOS	20

A IMPORTÂNCIA DA PARAÍBA NA “REVOLUÇÃO DE 1930” THE IMPORTANCE OF PARAIBA IN THE “1930 REVOLUTION”

José Mateus do Amaral Gama*

RESUMO

Com esta pesquisa, se almeja refletir sobre o período histórico brasileiro que culmina na chamada “Revolução de 1930”, analisando os antecedentes e causas dos movimentos daquele período, tendo como foco a Paraíba e os eventos em torno da morte de João Pessoa, resultando no fim da Primeira República. Portanto, faremos um relato sobre o governo Washington Luís em crise, a Aliança Liberal e sua articulação, como também acerca de figuras frequentemente esquecidas como João Dantas, José Pereira, Anayde Beiriz e João Suassuna, no contexto da Paraíba e de seus conflitos locais. Conclui-se que a situação política da Paraíba deve ser levada em consideração como elemento de relevo para a compreensão do movimento aliancista e do sucesso da “Revolução de 1930”, que fez romper a política dos governadores, fazendo Getúlio Vargas ascender ao comando do Brasil.

Palavras-chave: Revolução de 1930. João Pessoa. Paraíba.

ABSTRACT

With this research, we aim to reflect on the Brazilian historical period that culminates in the called “Revolution of 1930”, analyzing the antecedents and causes of the movements of that period, focusing in Paraíba and the events around the death of João Pessoa, resulting in the end of the First Republic. Therefore, we will do a report about Washington Luís government in crisis, the Liberal Alliance and its articulation, as also about frequently forgotten figures like João Dantas, José Pereira, Anayde Beiriz and João Suassuna, in the context of Paraíba and its local conflicts. It is concluded that the political situation in Paraíba should be taken into account as a relieve element to understanding the aliancist movement and the success of the "Revolution of 1930", that did break the governors' policy, did Getúlio Vargas to ascend to the command of Brazil.

Key Words: Revolution of 1930. João Pessoa. Paraíba.

* Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: gamamateus3@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca expor a “Revolução de 1930”, com base em referências bibliográficas acerca da Paraíba nesse período, buscando-se examinar os antecedentes do golpe e todo o contexto nacional de crise envolvendo dissidências oligárquicas, desencadeadas pelo presidente da época, Washington Luís, com o rompimento da Política dos Governadores. Para maior compreensão fez-se necessário discorrer sobre a corrida eleitoral entre governistas e aliancistas que fez Júlio Prestes vencer no voto, mas ser impedido nas armas de assumir o cargo de presidente.

Os conflitos regionais paraibanos entre João Pessoa e os coronéis sertanejos, seguidos da morte do “mito” foram o estopim para que se desse início ao articulado plano da Aliança Liberal para tomar o poder dos perrepiistas e entregar a Getúlio Vargas.

Neste artigo, pretende-se problematizar e discutir os embates de 1930, apontando para os interesses liberais da época, as figuras de João Pessoa, João Dantas, Anayde Beiriz, Zé Pereira e destacar a Paraíba com grande importância na “Revolução” que gerou o golpe de 30. Para tanto, buscamos embasamento bibliográfico e procuramos ilustrar nossa impressão acerca da recorrente falta de evidência conferida à Paraíba nas narrativas acerca dos movimentos de 1930 utilizando-nos de dois livros didáticos que, ao nosso ver, confirmam essa impressão.

Este trabalho tem como objetivo defender a centralidade da Paraíba nas narrativas históricas acerca dos movimentos de 1930, destacando a articulação do contexto local ao contexto nacional, através tanto dos conflitos que culminam na morte de João Pessoa quanto do processo de mitificação da imagem do presidente paraibano morto e de todo engajamento popular galvanizado na movimentação política que rompeu com a Primeira República brasileira.

Os antecedentes a 1930

O Brasil que fez eclodir o movimento de 1930 tinha no comando uma figura que, ao assumir a presidência da República, gozava da fama de bom administrador, representante cafeeiro, moderno e eficiente, mas que, à frente da presidência, provocou importantes rupturas políticas que ocasionaram grandes conflitos até a sua derrocada do poder. O então presidente “Washington Luís havia exercido uma presidência tranquila – ainda mais se comparada com a de seu antecessor, Arthur Bernardes¹, que governava quatro anos sob estado de sítio” (SCHWARCZ, 2015, p. 351).

Washington Luís seguiu uma linha administrativa, focando sua administração na infraestrutura, a exemplo da abertura de estradas pela alegação de que a melhor forma de governar seria a de abrir caminhos, o que usou como lema de seu governo, chegando a concretizar a construção de quilômetros de asfalto pelo Brasil. Tal realização, porém, não impediu que Washington Luís ficasse marcado na história brasileira por ser o último Presidente da “República Velha”², deposto por um golpe que culminou na Revolução de 1930. Dentre os fatores que colocaram a imagem do presidente brasileiro em desaprovação, podemos destacar alguns pontos, que foram essenciais para que fosse gerada uma instabilidade política na “pré-revolução”. O fator econômico foi um deles. A crise mundial de 1929 provocou a queda dos preços do café, afetando as oligarquias cafeeiras, representadas pelo próprio presidente Washington Luís, que não conseguiu conter problemas provenientes

¹ Advogado e político, presidente de Minas Gerais de 1918 à 1922 e presidente do Brasil de 1922 à 1926.

² Denominação dada à primeira República Brasileira que se estendeu até a Revolução de 1930 liderada por Getúlio Vargas.

da queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, causando a insatisfação dos seus representados, tendo em vista também a crise advinda do Tenentismo e dos Movimentos Operários (NAPOLITANO, 2016). Mas, o fator político foi ainda mais grave, dado o descontentamento causado pelo rompimento da política dos governadores que fazia alternar na presidência lideranças oligárquicas influentes no Brasil. Washington Luís, ao declarar que seu sucessor seria Júlio Prestes, naquele momento presidente paulista, promoveu o rompimento de seu projeto de aliança com os mineiros que, a partir daí, trilharam caminhos oposicionistas a combaterem com veemência as forças federais no período eleitoral que estava às portas.

2. CORRIDA ELEITORAL: “GOVERNISTAS X ALIANCISTAS”

A participação cidadã brasileira nas eleições de 1930 era bastante reduzida, pois somente homens alfabetizados podiam exercer a cidadania através do voto. Isso correspondia a um baixo índice de votantes, aproximando-se de 6% da população total, o que fazia do pleito um momento onde não se expressava a vontade da maioria da população nas decisões eleitorais. Considerando ainda a facilidade de práticas de manipulação de votos e de fraudes nas apurações, tinha-se um processo eleitoral injusto e não condizente com os princípios democráticos. (SCHWARTZ, 2015)

O pleito eleitoral de 30 ficou marcado pela ruptura do Governo Federal com algumas oligarquias regionais, causando o fim da política dos governadores³, o que, somado à oficialização de Júlio Prestes a candidato governista, engajou os blocos de oposição na tentativa de conseguir vencer a disputa nas urnas. Para melhor entendermos o que significou esse rompimento é preciso evidenciar que por muito tempo, no Brasil, as elites regionais davam sustentação aos governos federais que pelo mantimento do bom diálogo da União com os Estados garantiam, além da alternância ao cargo maior do País, a proteção dos interesses dos envolvidos já citados, o que foi quebrado na pré-campanha.

O mantimento do acordo se devia ao fato do presidente indicar o sucessor e assegurar que toda a base que dava sustentação ao acordo dos Estados com a União direcionaria apoio integral ao candidato governista, de forma que impossivelmente o grupo aliado sairia derrotado, o que não aconteceu em 1930. Os mineiros não consentiram com a forma como Washington Luís ignorou o acordo, outrora existente, tornando os laços afrouxados entre Minas e São Paulo, duas das principais forças político-econômicas do Brasil:

O precário equilíbrio competitivo entre São Paulo e Minas Gerais, uma das bases da estabilidade política da Primeira República, se rompeu, em um momento em que não foi possível recompor as alianças para dar sustentação à política situacionista, alicerces central do regime (NAPOLITANO, 2016, p.89).

Para dar destaque aos esclarecimentos acerca do que foi a Política dos Governadores³ é importante frisar que o ato político, acordado em 1889, por Campos Sales⁴, objetivou assegurar o alinhamento das ambições oligárquicas estaduais ao governo federal, fazendo manter a estabilidade política e econômica, que foi associada à política do “café com leite”. Assim, os mineiros, dominantes do leite, uniam-se aos paulistas, detentores do café, revezando-se no comando do Governo Federal.

³ Acordo firmado durante os primeiros anos da Primeira República (1889 – 1930) em que o governo Federal apoiava os governos estaduais sem restrições e em troca.

⁴ Advogado e político, foi presidente do estado de São Paulo em 1896 e presidente do Brasil em 1898.

Até os dias atuais, pesquisadores e historiadores não se satisfizeram com as alegações que motivaram Washington Luís a apostar pesado no rompimento com os mineiros, tendo em vista o risco que o Presidente estaria a correr, pelo fato de promover a ruptura de todo um acordo vigente entre poderosos oligarcas. O rompimento ainda é alvo de discussões, buscando-se um entendimento mais amplo, que não se limite de forma exclusiva à superficialidade da narrativa que gerou todos os conflitos de 1930.

Até hoje, historiadores discutem os motivos que levaram Washington Luís a apostar pesado na ruptura com Minas. O presidente provaria ser um típico produto do sistema que ajudou a destruir: avesso a negociações, convencido de que a política era assunto exclusivo de uma reduzida elite que controlava o processo eleitoral e a administração do país, vaidoso e muito autoritário. (SCHWARTZ, 2015, p.352).

Diante da insistência de Washington Luís no nome Júlio Prestes, o Catete⁵ recebe o recado de Antônio Carlos, presidente de Minas Gerais, de que já estava comprometido com outro bloco que percorreria as trincheiras da oposição.

O bloco oposicionista, chamado de Aliança Liberal, contou com o apoio de Tenentes revoltosos de 1920, do Rio Grande do Sul administrado por Getúlio Vargas e da Paraíba de João Pessoa, sobrinho do ex-presidente nacional Epiácio Pessoa.

O líder da chapa, Vargas, tinha uma brilhante história política, ocupou diversos cargos, tendo sido Ministro da Fazenda entre 1926 e 1927, quando ainda aliado de Washington Luís. Em 1930, se torna seu maior opositor. O vice da chapa, João Pessoa, era afamado como bom administrador, honesto e muito popular.

Vargas e Pessoa, unidos, percorreram o pleito enfatizando “um novo modo de pensar o Brasil”, colocando em destaque a modernização de todo o território brasileiro, discutindo com efervescência a obtenção de direitos sociais, como férias remuneradas e salário-mínimo, direitos políticos, como o voto secreto, e grandes empreendimentos, como o combate às secas do Nordeste, o que tornou histórico o ato eleitoral de 1930.

Apesar da estratégia de lançar candidatura própria, tomada pelos liberais, a eleição jamais seria ganha no voto, pois o presidente brasileiro, mesmo com a ausência de Minas, se encarregou de fortalecer sua base aliada, contando com dezessete líderes de Estado que garantiam, ao seu modo, a obtenção de votos em suas regionalidades. De fato, as eleições foram marcadas por diversas fraudes, promovidas por ambos os grupos que percorriam a corrida eleitoral.

Ao abrirem as urnas se confirma o esperado: Júlio Prestes é eleito, com o apoio da maioria das elites e representações políticas regionais, além de contar com o principal apoio, o do presidente do Brasil, Washington Luís, que o fez vencedor na disputa.

2.1 Não foi no voto, seria nas armas

Os Aliancistas, não satisfeitos com o desfecho final das eleições, articularam-se junto a alguns segmentos da sociedade, como militares, outrora já seus apoiadores, em parceria com setores médios da população, mas também em conjunto com o apelo aos trabalhadores que engajariam o plano de tomada do poder.

⁵ Bairro do Rio de Janeiro, conhecido pela bela arquitetura comercial, local da antiga residência presidencial.

Júlio Prestes, figura anteriormente popular, tomou medidas que foram desaprovadas pelos anseios Liberais, por estar ao lado de Washington Luís e de poderosos do café paulista, que investiram pesado na sucessão do governo federal, o que reforçou a insatisfação do bloco oposicionista que conspirava por uma intervenção à força, visando ascender ao comando do País.

É certo que se conspirava por toda parte: circulavam boatos de golpe contra a posse de Júlio Prestes em Porto Alegre, Belo Horizonte, Montevideú, Buenos Aires; tenentes exilados atravessavam regularmente a fronteira e entravam no Rio Grande do Sul para se reunir com os jovens dirigentes da oposição. (SCHWARCZ, 2015, p. 357).

Os rumores já se espalhavam, não só no Brasil, mas no mundo. Estava em fase de construção o articulado plano de golpe proposto pela Aliança Liberal. Armamentos entravam no território nacional de forma ilegal, dando suporte aos objetivos planejados: “munição e armas desembarcavam clandestinamente no país, procedentes da Argentina.” (SCHWARCZ, 2015, p.357). Todavia, os requisitos para o golpe ainda não estavam plenamente atendidos, sobretudo tendo em vista a falta de unanimidade entre os próprios aliancistas. Algo precisaria acontecer para que toda a oposição estivesse unida para impedir a posse do presidente eleito, Júlio Prestes, e de fato aconteceu.

O assassinato de João Pessoa “caiu como uma luva” para que fosse instalado o processo que levaria a Aliança Liberal ao Catete. O presidente da Paraíba, vice-presidente na chapa derrotada dos liberais, foi morto e fez a Revolução de 1930 explodir como um barril de pólvora, a destituir Washington Luís do cargo da Presidência, impedir Prestes de assumir o cargo e alçar Getúlio Vargas ao comando provisório da nova República:

No dia 31 de outubro, Getúlio Vargas, que até participara do governo “carcomido” Washington Luís, chegou ao Rio de Janeiro na condição de líder da “Revolução de 1930”. Foi aclamado pela multidão e apoiado pelos “tenentes”, que, enfim, tinham chegado ao poder (NAPOLITANO, 2016, p. 90).

Enquanto João Pessoa estava a debater política na renomada Confeitaria da Glória no Recife, foi assassinado pelo advogado e jornalista João Dantas. Preso em flagrante, Dantas confessou o crime alegando motivações de cunho pessoal, referindo-se à invasão de seu escritório promovida pela polícia paraibana, a mando do próprio João Pessoa, o que acarretou no vazamento de cartas íntimas trocadas com uma jovem professora a quem amorosamente se relacionava: “A tragédia chocou o país, a população estava indignada com o assassinato. O estado parecia ingovernável após o atentado, e a oposição soube aproveitar a oportunidade” (SCHWARCZ, 2015, p. 358).

3. JOÃO PESSOA... HERÓI, MÁRTIR E MITO

O Advogado João Dantas, assassino confesso de João Pessoa, aliado do coronel José Pereira de Princesa Isabel, então opositor do presidente Paraibano, teve um relacionamento amoroso com a jovem professora Anayde Beiriz. Anayde era uma figura que se contrapunha a todos os “modos femininos” no período. Feminista, poeta e muito bonita, destacou-se por

lutar pelas causas feministas e por conquistar o coração de “Dantinha”, apelido de Dantas, como é enfatizado no filme “Parahyba mulher macho⁶”.

Havia muitos conflitos na Paraíba em 1930, e um deles era o grande conflito da capital com o sertão. Zé Pereira, líder sertanejo, queria a independência de seu território e por isso travou diversos embates com as forças públicas do Estado. Era de conhecimento o descontentamento de João Pessoa em razão desses conflitos. Sua intenção era de controlar imediatamente os revoltosos do sertão, já que todo esse confronto estaria a gerar prejuízos à arrecadação de tributos da Paraíba, pois o Coronel José Pereira negociava diretamente com Pernambuco, ficando longe do controle da Capital Paraibana.

No setor econômico-tributário, João Pessoa empreendeu uma política que taxou, sobre maneira, as transações comerciais realizadas pelo sertão e deixou praticamente a zero, tributariamente, as realizadas pela capital, objetivando dinamizar o seu comércio e diminuir a dependência em relação a cidade de Recife. (AIRES, 2013, p.61).

No contexto nacional, o Presidente Washington Luís, visando atingir seu opositor, o presidente Paraibano, usou de sua influência para ajudar as forças sertanejas que combatiam as forças estaduais. Diversos Estados do Brasil reforçavam as tropas de Zé Pereira através de armamentos, o que o fortalecia a cada batalha.

A historiografia oficial sublinha, com bastante ênfase, os embargos e proibições de entrada de armas e munições para o governo paraibano, por território pernambucano, ao tempo que o governo deste estado criava facilidades para os rebeldes de Princesa Isabel. (AIRES, 2007, p.134).

O plano do presidente nacional era aproveitar a fragmentação territorial da Paraíba, reflexo dos diversos conflitos, e instalar uma intervenção federal no Estado, aniquilando com a principal base na região Nordeste da opositora Aliança liberal. O plano, de fato, seria uma boa ideia para a concretização de seus interesses, se não fosse a dimensão atingida pela morte de João Pessoa ser atrelada ao catete.

Além de avançarem pelo sertão, os rebeldes receberam apoio de fora: recursos, informações e armamentos chegaram regularmente até Princesa, vindos de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, do governo de São Paulo, interessado em desestabilizar João Pessoa. De olho nos acontecimentos, Washington Luís aguardava o momento certo para decretar a intervenção no estado, deslocar as forças federais para a Paraíba e liquidar com a principal base da Aliança Liberal instalada no Nordeste. (SCHWARTZ, 2015, p.358).

Também era de conhecimento, na época, que as forças públicas paraibanas contavam com munições enviadas por Estados aliancistas, como Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, evidenciando as influências nacionais sobre os conflitos regionais.

Também se maquinava em Belo Horizonte e Porto Alegre, só que, nesse caso, a favor de João Pessoa. Tanto o Rio Grande do Sul quanto Minas Gerais arrumaram um jeito de enviar munições para abastecer as forças públicas da Paraíba: milhares de cartuchos foram acondicionados em latas compostas de ameixas secas e pêssegos em calda, enfiados em barris de sebo ou enrolados entre fardos de charque. Num rompante, Antônio Carlos despachou o avião monomotor Garoto, da Força Pública

⁶ Filme brasileiro de 1983, dirigido por Tizuka Yamasaki, com roteiro da própria diretora e de José Joffily inspirado na vida de Anayde Beiriz e nos eventos relacionados a Revolução de 1930.

mineira, para despejar bombas caseiras sobre Princesa, bem como um chuva de panfletos conclamando os rebeldes à rendição. (SCHWARTZ, 2016, p.358).

Além da crise nacional, comprovaram-se os indícios de que essa tensão aumentava dentro dos territórios da Paraíba a polarização Perrepistas X Liberais: “A população revoltada se atirava na “caça aos perrepistas”, e, concomitantemente, cultuava o corpo do ex-presidente” (AIRES, 2013, p. 64).

João Dantas, por ser aliado de Princesa Isabel e ter matado João Pessoa, não conseguiu convencer a opinião pública, a justiça e a imprensa de que o crime teria sido por questões pessoais, ora já expostas. Para a maioria havia convicção de que o crime fora motivado por questões políticas, através de conluio envolvendo Zé Pereira, com influência de Washington Luís. A historiografia oficial, a reboque de Ademar Vidal, construiu a ideia de um complô organizado por João Dantas, João Suassuna e outros, para assassinar o presidente da Paraíba. (AIRES,2013, p. 48).

A morte do então presidente da Paraíba não teria sido encomendada, porém, foi motivada tanto por questões pessoais quanto por questões políticas: à invasão de seu escritório promovida pelas forças públicas estaduais, a mando de João Pessoa, onde foram divulgadas no Jornal da União, órgão oficial de imprensa do estado, o que expôs as intimidades de um romance, soma-se o acirramento político, tendo em vista que Dantas era aliado de primeira hora do coronel José Pereira, adversário de Pessoa.

O assassinato de João Pessoa, presidente da Paraíba, em uma confeitaria do Recife deu um novo impulso à conspiração contra o regime. Os jornais fizeram grande alarde sobre o caso, sugerindo um atentado político contra o ex-candidato a vice-presidente da Aliança Liberal orquestrado pelos aliados dos vitoriosos. (Na verdade, o motivo do assassinato estava muito mais ligado a questões de política estadual mescladas com motivações passionais). (NAPOLITANO, 2016. p. 90).

Um conflito regional foi expandido para os campos da Nação. A Aliança Liberal, que já estava organizada, encontrou nessa tragédia uma oportunidade de instigar o movimento que almejava tomar o poder, acusando o governo federal de tramar uma possível interferência sobre a Paraíba, ocasionando o ato criminoso que findou a vida de João Pessoa. É certo que Washington Luís desejava a queda de João Pessoa nos campos da política, mas não esteve envolvido no assassinato do presidente paraibano.

A Aliança Liberal é resultado de grupos oligárquicos que não eram inseridos na política do “café com leite”, congregando os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba.

Logo após a morte de João Pessoa, os jornais liberais se empenharam em pregar a derrubada dos governos de Washington Luís e de Álvaro de Carvalho, vice de João Pessoa, que assumira o governo da Paraíba e que, não querendo se juntar aos revolucionários, tornou-se um sujeito indesejado a frente de uma maioria que conspirava a revolução. (BEZERRA, 2008, p.26-27).

Ao falar sobre o motim de 1930, com toda certeza, virá à memória a “imagem de João Pessoa”, mas pouco é destacado sobre as reais causas de seu assassinato, o que ocorria nos contextos regionais, as relações de conflito dos Pessoa com os Dantas/Pereira e a falta de evidência à relevante figura de Anayde Beiriz, símbolo do feminismo nos anos 1920, que junto a João Dantas colaboraram como estopim ao desencadear a então Revolução” de 1930.

A morte de João Pessoa foi considerada o estopim para a derrocada da “República Velha” no Brasil, mas é necessário que de maneira enfática a Paraíba seja apresentada de forma ampla, dando-se espaço a uma maior contextualização do período, de modo que seja exposta toda a articulação conflitual que acarretou no rompimento com os moldes políticos,

sociais, administrativos e econômicos do País após a tragédia envolvendo o presidente paraibano.

O “mito” nasceu com a morte de João Pessoa, sendo figura idolatrada, transformada em símbolo de resistência e de luta pela nação, graças à estrategista Aliança Liberal que construía a comoção no imaginário popular brasileiro, engajando todo o movimento “Revolucionário”: Para João Pessoa vivo, criou-se a imagem de um estadista; morto, virou herói, a ponto do historiador Wellington Aguiar compará-lo ao Hércules da mitologia grega (AIRES, 2013, p. 41-42).

É de conhecimento a existência de figuras “heroicas” em toda a história mundial. Essas figuras são construídas, mediante algum interesse maior, que as coloque em lugar de destaque, pelo fato de terem desempenhado um papel fundamental atrelado a uma particularidade histórica, como foi João Pessoa. Se a Aliança oposicionista já tinha o poderio militar, ao se somar a aclamação popular, lograria êxito em qualquer disputa nacional. Estrategistas liberais em conjunto com a família Pessoa enraizavam a imagem do “mito”, do mártir, no imaginário social, através das fortes investidas na propagação de narrativas de conluio, de crime político, deixando o acontecido sempre presente na imaginação da sociedade. A intensa construção de “memórias” jamais deixaria apagar a insatisfação popular sobre o atentado contra a vida do heroico João Pessoa, e mobilizaria a população a endeusar o “herói” e manter “legítima” a movimentação rumo ao golpe de 1930.

Getúlio Vargas, apesar de ser pouco conhecido fora dos territórios rio-grandense, era o grande líder aliancista, mas após o crime os holofotes foram apontados para a imagem do Presidente da Paraíba, fisicamente morto, porém presente na comoção brasileira. Segundo o jornal *A União* da época, o cadáver de João Pessoa deixou a Paraíba em um grande cortejo fúnebre, perpassando algumas capitais nordestinas, como Recife, Maceió e Salvador, até chegar ao Rio de Janeiro, onde foi sepultado. A cada parada eram levantados palanques sobre o corpo enlutado, dando ênfase ao “herói”, ao “cristo salvador” brasileiro, ali presente, que teria sido calado por ato de covardia tramado pelos “traidores” perrepistas. Construía-se na imaginação do povo a narrativa de que o presidente paraibano teria se sacrificado, doando a própria vida ao lutar pela autonomia do seu Estado. “Ele passa a ser o âmago da Aliança Liberal, pela forma como morreu, “defendendo” a autonomia da Paraíba “até a última gota de sangue” (AIRES, 2013, p.47).

As memórias foram edificadas, romarias foram realizadas, ruas, avenidas e praças foram batizadas com o nome João Pessoa, alavancando a agitação comum que caçaria os integrantes do PRP. Enquanto as articulações se encarregavam em demonizar João Dantas, Deputado João Suassuna e Augusto Moreira Caldas, acusando-os de complô.

O jornal *A União*, órgão que em sua gênese pertencia ao Partido Republicano do Estado da Parahyba, passa a ocupar o outro lado da trincheira, após racha dos Pessoas com as forças federais de Washington Luís e com os coronéis paraibanos, devido a guerra fiscal no Estado, gerando a má relação da Capital com o Sertão. A publicação se incumbia de noticiar as informações acerca do ocorrido trágico, dando suporte aos anseios da Aliança Liberal.

Considerado “herói e mártir”, João Pessoa conseguiu realizar após a morte objetivos que, vivo, dificilmente conseguiria: vence a guerra sobre o coronel José Pereira e os rebelados de Princesa Isabel, além de fazer ascender o bloco aliancista ao poder nacional. Só não conseguiu realizar um terceiro objetivo: é que Getúlio Vargas, ao assumir, utilizou-se de um governo autoritário, impedindo a bancada federal eleita de retornar ao Congresso, o que causou descontentamento em Epitácio e nos Pessoas.

O assassinato do “mito” colaborou para a reorganização da Aliança Liberal e a partir disso foram construídos lugares de memória, como por exemplo, em Fortaleza, capital cearense. Após a edificação de uma avenida promovida pelo Presidente Washington Luís, que

fora batizada com o seu próprio nome, em meio as movimentações de 30 teve seu nome alterado para João Pessoa pelos integrantes do levante, instigados a fazer desaparecer o nome do momentâneo presidente brasileiro. Ao decorrer da “Revolução”, das vinte e seis capitais do País, somente em sete não foram construídas memórias que fariam alusão à João Pessoa. (SCHWARTZ,2016)

A dimensão desta operação de edificação da memória pública foi responsável não apenas pela eclosão do movimento, mas também pelo suporte de “legitimidade” ao mesmo – o que reforça nosso argumento acerca da importância da Paraíba nos movimentos de 1930. Enquanto a população sustentava a revolta, os liberais avançavam ao Catete. Em solo paraibano, o Legislativo se encarregava em institucionalizar as memórias do ex-presidente, alimentando assim o caos instalado na Paraíba e no Brasil. A caça aos perrepeistas era uma realidade: já não se contava com a presença dos líderes do PRP nas sessões parlamentares.

Os jornais perrepeistas não tiveram espaço na construção da narrativa acerca do não envolvimento ideológico na morte de João Pessoa. As notícias ficaram por conta dos jornais sob influência liberal que conseguiram enraizar na população os princípios “revolucionários” atrelados a 1930:

Outros jornais coadjuvantes, mas não menos importantes com atuação na Paraíba, em 1930, fazem parte da promoção das ideias revolucionárias. Entre eles estão o *Jornal do Norte* – político e noticioso -, de propriedade de Café Filho, que veio a Paraíba para promover a campanha da Aliança Liberal, e ficou até a eclosão de movimento de 30; outro, o *Correio da Manhã* – Jornal de livre opinião -, que tinha como redator-chefe Aderbal Piragibe e *O Liberal*, todos estes seguindo a orientação da Aliança Liberal. Dos Jornais perrepeistas, apenas se sabe da existência do jornal *O Norte*, que foi empastelado por não fazer a defesa das mudanças políticas pretendidas por João Pessoa. (BEZERRA, 2008, p.26).

Em 3 de outubro eclodiu a revolta civil-militar que destituiu Washington Luís, impediu a posse de Júlio Prestes e fez instalar o governo centralizador, intervencionista e nacionalista de Vargas.

Getúlio, ao assumir, nomeia José Américo, ex-secretário de João Pessoa, para ocupar o cargo correspondente a chefe do Estado paraibano. A família Pessoa, insatisfeita com os caminhos por Vargas trilhados, como a aproximação com os Tenentes, dentre outros fatores, condena a “Revolução” e rompe a aliança familiar com os liberais, que foi responsável pelo sucesso do golpe que culminou no motim de 1930.

No contexto paraibano, Eptácio Pessoa através de grande influência alternava no poder Presidentes que por ele eram apoiados, conseguindo eleger cinco representantes seus de maneira consecutiva, tendo, entre eles, João Suassuna e, por fim, o sobrinho João Pessoa.

João Pessoa foi o governante que taxou transações comerciais do Sertão, o que contrariou os anseios dos coronéis, outrora aliados, como foi o caso de José Pereira. Excluiu seu antecessor, João Suassuna, da chapa para Deputado, justificando que teria que dar espaço a novas representações políticas, o que pareceu contraditório por permitir a candidatura de Carlos Pessoa, seu primo, que iria à reeleição. Além das taxações ao sertão, a tentativa de impedir Suassuna de participar das eleições resultou no racha político que polarizou os Dantas/Suassuna/Pereira contra as forças do Estado, o que desembocou nos conflitos que, de troca de farpas entre as forças públicas com o coronelismo sertanejo, culminariam no assassinato da maior autoridade do Estado da Paraíba.

4. A IMPORTÂNCIA PARAIBANA NA “REVOLUÇÃO DE 1930”

No processo que persistia a mitificar a imagem de João Pessoa, o parlamento paraibano institucionalizava símbolos de memória. Dentre tantos, teve destaque a mudança da Bandeira Estadual, a obter as cores preta, dando simbologia ao luto, e a vermelha, indicando o sangue do “herói” assassinado, portando ainda a palavra “NEGO”, concentrada ao meio, que fazia alusão a uma possível expressão de negatividade utilizada por João Pessoa ao convite do Partido Democrático de Pernambuco. Outro símbolo de peso é criado: o nome da Capital é alterado, passando a ser chamada de João Pessoa mediante Projeto de Lei tramitado na Assembleia, configurando homenagem “justa” a quem que com “garra e luta” renunciou à sua vida pela Paraíba e pelo Brasil.

“Revolucionários” liberais procuravam sustentar que tais mudanças decorriam da vontade popular. Isso foi alvo de bastantes contestações, revividas até a atualidade, como no ano de 2006, em que um bloco carnavalesco na Capital, por nome de “cafuçu”, protestava: “Nem perrepistas, nem liberais: devolvam o nome da Parahyba a nossa Capital”. Após quase 80 anos, as discussões dos tempos de 1930 parecem ainda não resolvidas.

Os Dantas/Vilar/Suassuna, derrotados no campo da política partidária em 1930, perderam, também dois entes queridos e ainda seriam derrotados no plano simbólico. Repudiam a bandeira rubro-negra e nunca aceitaram a mudança do nome da capital. Passaram a alimentar um discurso de ódio à “revolução” e aos “revolucionários”, que perpassa gerações e, ainda hoje, está arraigada na memória da família. A título de exemplo, cabe-nos citar que eles não pronunciam o nome da capital do estado, simplesmente dizendo “vou a Parahyba” ou “vou a Capital” evitando pronunciar o nome de João Pessoa (AIRES, 2013, p. 57).

Conforme Aires (2013), os aliancistas do período utilizaram o marco histórico sobre o assassinato do “mito João Pessoa” para persuadir a população a se tornar efervescente, cultuando o que seria o herói brasileiro. Compreende-se, assim, a estratégia que concretizou o projeto “revolucionário”.

A construção mitológica criada após a morte de João Pessoa apoiava-se também sobre a sua popularidade adquirida desde que esteve à frente da Paraíba. João Pessoa promoveu uma reforma na estrutura político-administrativa, combatendo as dificuldades financeiras e agradando as camadas populares paraibanas, mas ao mesmo tempo causando descontentamento entre os coronéis sertanejos. A alta comoção com a tragédia envolvendo o “mártir”, por parte da sociedade de 1930, foi construída baseada em sua imagem política ainda em vida - caso o assassinado fosse figura abominada, seria difícil para a imprensa da época promover a “lenda” no imaginário dos brasileiros. Daí se compreende a veneração do “mito” após a sua morte, através de procissões onde eram entoados hinos que reverenciavam o “herói”. A população, ao tempo que seguia o rito, estava atenta a quem ousasse contrariar as homenagens, taxando opositores de perrepistas.

A construção histórico-cultural do “herói” João Pessoa surge no interior das lutas que antecederam o novo regime, cultuado pela população. Ao contrário das batalhas disputando o papel de “herói” da proclamação, João Pessoa não encontrou concorrente no tocante a ser “herói” da “revolução”. (AIRES, 2013, p. 43).

Líderes “perrepistas”, a exemplo de João Dantas e Augusto Moreira Caldas, foram assassinados brutalmente enquanto estavam presos no Recife, como é destacado no filme:

“Parahyba mulher macho”. O Deputado João Suassuna foi morto no Rio de Janeiro. Já o coronel José Pereira não teve um fim tão trágico, que mesmo após a intervenção de Princesa Isabel e a perda de todos seus poderes sobre as terras sertanejas, conseguiu fugir para Pernambuco, onde se escondeu de seus caçadores.

Dentre os principais líderes perrepistas, João Dantas e seu cunhado Augusto Moreira Caldas estavam presos na Casa de Detenção do Recife, onde morreram (suicídio, conforme a visão oficial; “suicidados”, conforme suscitam muitas questões do episódio); José Pereira, após a intervenção federal em Princesa, refugiou-se, escondendo-se no interior de Pernambuco; João Suassuna encontrava-se no Rio de Janeiro, onde ocupava mandato de Deputado Federal e também acabou assassinado. (AIRES, 2013, p.80)

O corpo de João Pessoa que foi sepultado no Rio de Janeiro retornou à Paraíba no ano de 1997. O Governador paraibano do período, José Targino Maranhão, trasladou os restos mortais de volta ao Estado, onde foi depositado em uma edificação que se concentra próximo ao Palácio da Redenção.

Após a morte de João Pessoa, houve muitas batalhas de memórias que contribuíram para a sua eternização. Diversos foram os monumentos que honraram o “heroico” ex-presidente paraibano, a exemplo do dia 26 de julho que ficou como data comemorativa para que a lembrança do “destemido” fosse sempre lembrada.

Os liberais conseguiram, além de destituir Washington Luís do poder brasileiro, eternizar a imagem do grande “protagonista revolucionário”, o que deu “legitimidade” a todos os acontecimentos de 1930: “Com a vitória da Revolução de 30, os liberais buscam construir suas narrativas e, através delas, estabelecer a verdade”. (BEZERRA, 2008, p.67). O sentimento cívico promovido junto à figura de João Pessoa forjou o símbolo de uma representação de amor que não era atrelado somente à Paraíba, mas ao Brasil em um contexto geral, o que contribuiu para que no imaginário popular estivesse vivo que o “herói” assassinado teria perdido sua vida a lutar por toda a nação.

Em contraste, ao analisar livros didáticos de história do Brasil, torna-se perceptível a pouca evidência dada a importância paraibana. Os conflitos regionais que colaboraram decisivamente com a gênese e sustentação da movimentação de 30 não são parte exclusivamente de uma história local, e sim parte fundamental do conflito nacional, que poderia portanto ser mais exposta nas narrativas dos acontecimentos que ocasionaram um marco tão importante que foi a ruptura da Primeira República e o início da Era Vargas.

Para exemplificar, destaca-se o livro didático *Contato História*, de Pellegrini, Dias e Grinberg (2016), que, ao apontar a Revolução de 1930, inicia apresentando o governo de Getúlio Vargas e sua ascensão ao poder nacional, deixando para trás todos os conflitos locais, como também a influência aliancista e perrepista na Paraíba, estando ausente mesmo o assassinato de João Pessoa por João Dantas. Cita de maneira rápida a eleição de Júlio Prestes, um pouco da articulação da Aliança Liberal e da morte do presidente paraibano como principal justificativa para o golpe de Estado:

A vitória do candidato oficial veio acompanhada de protestos. Os militares opositores começaram a planejar um golpe contra o governo, mas os líderes da Aliança Liberal não queriam recorrer às armas. Em julho de 1930, no entanto, João Pessoa foi assassinado, e esse crime foi utilizado politicamente pelos líderes da Aliança Liberal, causando grande indignação popular e servindo de justificativa para o golpe de Estado. (DIAS; GRINBERG; PELLEGRINI, 2016, p.107).

Outro exemplo de obscurecimento do protagonismo paraibano encontramos no livro didático *História Geral e do Brasil*, de Vicentino e Dorigo (2013), que menciona a morte de

João Pessoa como tendo sido causada por motivações políticas locais, sem interferência federal, mas que funcionou como estopim para dar início aos conflitos revolucionários de 1930. A não contextualização da Paraíba na narrativa de 1930, de figuras importantes como João Dantas, Anayde Beiriz, José Pereira e João Suassuna faz a obra cometer injustiça histórica não somente para com o território paraibano, mas também com as lideranças perrepiistas, que, por saírem derrotados nos campos da política, frequentemente não têm sido incorporados de maneira séria nas narrativas acerca do golpe de 1930.

5. CONCLUSÃO

Na historiografia brasileira sobre 1930 há o questionamento do fato de ter acontecido ou não uma revolução no país, baseando-se em pesquisas que comprovam a ascensão burguesa a par da permanência de oligarquias no poder. Com isso, se põem em causa toda fundamentação “revolucionária” que insistia no rompimento com os poderes oligárquicos atrelados ao café, a abrir espaços para a introdução de diversos segmentos de camadas populares no Brasil, o que foi extremamente utilizado em discursos da Aliança Liberal, objetivando a promoção da revolta que fomentou a ruptura política ocorrida, gerando o fim da Primeira República.

O golpe que provocou a movimentação de 1930 ascendeu de acordo com vários fatores, desde os que foram gerados pelo próprio Washington Luís, a promover dissidências oligárquicas, que se somou à articulação de Vargas com os aliancistas, aos acirrados conflitos regionais na Paraíba, que fizeram eclodir o movimento.

Além da figura de João Pessoa, João Dantas precisa ser destacado nas abordagens relacionadas a esse marco histórico que fez romper a “República Velha”. Papel essencial também teve o coronel Zé Pereira de Princesa, como adversário de João Pessoa, figurando com destaque na narrativa construída pelos aliancistas acerca do assassinato do Presidente paraibano.

Concluimos insistindo na importância dos conflitos regionais paraibanos ao se tratar da “Revolução de 1930”. Os embates regionais atraíram as forças nacionais, levando-as a apoiarem ambos os lados em disputa. Enquanto Washington Luís se engajava ao lado dos sertanejos, os Estados aliancistas davam suporte aos adeptos de João Pessoa, contribuindo para a polarização perrepiistas X liberais, que partiu da Paraíba para os campos da nação. Deste modo, pode-se considerar que as disputas políticas regionais foram um fator importante para o golpe que deu a Getúlio Vargas a chefia do Brasil. Ou seja, a Paraíba deve figurar com importância na “Revolução de 1930”.

Além disso, a Aliança Liberal soube usar a dicotomia divino/demoníaco em sua narrativa. Fazia a população assimilar os aliancistas como os “heróis” e os perrepiistas como “vilões”, produzindo uma série de dramatizações acerca da imagem de João Pessoa e do envolvimento do PRP na tragédia. Os aliancistas precisavam de uma justificativa perante o imaginário popular, fortalecendo a sensação de legitimidade em todos aqueles que condoeram-se com a morte do “mito” e se engajaram ao motim. Sabe-se que o golpe já estava orquestrado, mas a consolidação veio através do estopim do movimento, o assassinato do presidente paraibano.

Diante do exposto, e a partir da percepção de que a Paraíba é quase que anulada quando se fala em 1930, sobretudo quando se trata de livros didáticos, podemos afirmar que

estes cometem injustiça historiográfica por não contextualizar devidamente as disputas políticas do Estado que serviu como estopim e centro gravitacional de todos os conflitos orquestrados pela Aliança Liberal.

Dentre os malefícios causados por essa ausência podemos sublinhar a desvalorização da história paraibana no contexto nacional, o isolamento das histórias regionais/loais da história do diversificado Brasil e o impedimento do aparecimento de questões relacionadas à Paraíba em vestibulares, como por exemplo, o Enem.

REFERÊNCIAS

1. AIRES, José Luciano de Queiroz. **A fabricação do Mito João Pessoa**. Batalhas de memórias na Paraíba (1930 – 1945). Campina Grande: EDUFCEG, 2013.
2. AIRES, José Luciano de Queiroz. **Escola e a Socialização do Mito de João Pessoa**. João Pessoa: Revista de História, 2007.
3. BEZERRA, Dinarte Varela. **1930, a Paraíba e o inconsciente político da Revolução: a narrativa como ato socialmente simbólico**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Natal: UFRN, 2008.
4. DIAS, Adriana Machado. GRINBERG, Keila. PELLEGRINI, Marco César. **Contato História**. 1 ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2016.
5. DORIGO, Gianpaolo. VICENTINO, Cláudio. **História Geral e do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2013.
6. JÚNIOR, Antônio Fernando Cordeiro Guedes. **Parayba ou João Pessoa? Disputas e Memória Social**. Natal: Anpuh, 2013.
7. MARIANO, Serioga Rodrigues Cordeiro. **Signos em Confronto? O Arcaico e o Moderno na Cidade de Princesa (PB) na década de 1920**. Recife: Universitária da UFPB, 2010.
8. MELO, José Octávio de Arruda. **A Revolução Estatizada: Um estudo sobre a formatação do Centralismo em 30**. Paraíba: EDUEPB, 2014.
9. NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Contexto, 2016.
10. PARAHYBA Mulher Macho. Direção:Tizuka Yamasiki.Produção: Carlos Alberto Diniz. São Paulo: Embrafilme,1983.

11. RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. **A Revolta de Princesa**: Uma Contribuição do Estudo do Mandonismo Local Paraíba (1930). São Paulo: Estado da Paraíba, Secretária de Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, 1978.

12. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil**: uma biografia / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força nessa caminhada de quase cinco anos de graduação e por ter me ensinado a confiar em mim, mesmo nos momentos mais difíceis da formação, a ele toda gratidão pelo dom da vida, pela disposição e discernimento em todas as situações cotidianas.

A meus pais Joseli e Luciana por terem me dado uma ótima educação e me ensinarem que as dificuldades da vida são enfrentadas de cabeça erguida, com coragem e determinação.

A minha namorada Franciele por ser minha amiga e meu amor, ajudando-me nos momentos difíceis, sendo conselheira e estando ao meu lado sempre atenta a não me deixar cometer erros.

As minhas irmãs Déborah e Jocianna por fazerem parte da minha vida.

Agradeço aos meus sobrinhos Caio, Eloá e Arthur por contribuírem com momentos de muita felicidade, de brincadeiras e muita descontração.

Aos meus amigos de curso, Rodrigo Rafael, Natan Aranha e David Araújo por serem parceiros em toda a graduação, contribuindo muito com minha formação acadêmica e enquanto indivíduo comum que sou.

Especialmente agradeço ao meu orientador, professor Sinuê Neckel pela paciência e disponibilidade, pelos conhecimentos transmitidos e pela competência que orientou esse trabalho de conclusão de curso que resultou numa ótima experiência. Obrigado pela confiança, Professor.